



UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA
INSTITUTO DE ARTES
DEPARTAMENTO DE ARTES VISUAIS
CAMILA LOPES MARQUES

UN VIAJECITO

Brasília, 2016

Camila Lopes Marques

UN VIAJECITO

Trabalho de conclusão do curso de Artes Plásticas,
habilitação em Licenciatura, do Departamento de Artes
Visuais do Instituto de Artes da Universidade de
Brasília.

Brasília, 2016

AGRADECIMENTOS

Às músicas *Competine dún autre été*, de Yann Tiersen, *Clair de Lune*, de Claude Debussy, *Gymnopedia 1*, de Erik Satie e todos os mantras que não me deixaram enlouquecer. Que me guiaram ao meu profundo ser e despertaram em mim o que tenho de mais precioso para colocar neste trabalho: o meu amor incondicional.

Ao meu corpinho que segurou a onda mesmo com suas fragilidades trazidas desde a Índia; por ter olhinhos atentos, mãos hábeis e um coração entregue aos regalos que a vida traz.

À Cristal, minha filhota gorda, fofa que insistiu por todos esses dias em me dar todo seu amor, me babando por inteira e roubando minhas mãos do teclado enquanto escrevia. Impressionante como ela sabia os exatos momentos em que eu pensava em deixar tudo de lado com uma leve surtada dramática. Vinha e me beijava, me olhava com seus olhinhos de sol e me despertava para o “vamos lá, está tudo bem, logo passa, você consegue”.

À chuva que dançou em meus ouvidos por quase todos os dias de escrita. Que evitou um estresse por dias quentes e secos. Ufa, que bom que os céus se fizeram mar em gotas pra mim neste momento.

À Lila Nandini, amiga e mestra, companheira de risos e choros; dona de um coração precioso. Apoiadora de sonhos, com seus olhinhos que dizem que é sempre possível alcançar o horizonte.

Ao casal maravilhoso, Dom Pablo e Rosa Luz, que acolheram a mim e a Cristal em sua casinha tão abençoada com tanto amor e um cuidado silencioso, digno de um afago no peito.

À Nación Pachamama que me guia por caminhos de loucuras e descobertas arrebatadoras.

Tão pequena, tão pequena...

que me fiz grão de areia

nas brumas do mar.

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO 8
2. CAPÍTULO 1: ALMA CRUA E NUA 10
3. CAPÍTULO 2: PUM DE MASSALA E UMA PANÇA FELIZ 12
4. CAPÍTULO 3: PÉZINHOS PATAGÔNICOS 17
5. CAPÍTULO 4: VARANDINHA DE PICOS NEVADOS 19
6. CAPÍTULO 5: AQUELAS PARTES MEIO ENFADONHAS... 26
7. CAPÍTULO 6: AQUI TAMBÉM TEM BÁLSAMO! 28
8. CONSIDERAÇÕES FINAIS 34
9. REFERÊNCIA BIBLIOGRÁFICA 35

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Sadhu na cidade de Varanasi, Índia. Fonte: arquivo pessoal.....	12
Figura 2 – Ruas de Varanasi, Índia. Fonte: arquivo pessoal.....	13
Figura 3 – Búfala em Rua de Varanasi, Índia. Fonte: arquivo pessoal.....	13
Figura 4 – Mãos de mulheres em ritual matinal em frente ao Rio Ganga Ma na cidade de Varanasi, Índia. Fonte: arquivo pessoal.....	15
Figura 5 – Pessoas tomando banho ao amanhecer no Rio Ganga Ma na cidade de Varanasi, Índia. Fonte: arquivo pessoal.....	16
Figura 6 – Mulher dando a bênção em seu filho às margens do Rio Ganga Ma na cidade de Varanasi, Índia. Fonte: arquivo pessoal.....	16
Figura 7 – Picos nevados com lua minguante nos Himalaias, Índia. Fonte: arquivo pessoal	19
Figura 8 – Pequeno povoado aos pés dos Himalaias, Índia. Fonte: arquivo pessoal.....	20
Figura 9 – Meninas nepalesas da Escola Saraswati. Fonte: arquivo pessoal de Isolda Ma Flores.....	21
Figura 10 – Basudev ao meio e dois professores da Escola Saraswati, Nepal. Fonte: Arquivo pessoal de Isolda Ma Flores.....	22
Figura 11 – Apresentação de canto e dança das crianças da Escola Saraswati, Nepal. Fonte: arquivo pessoal de Isolda Ma Flores.....	25
Figura 12 – Equipe reunida ao ar livre para uma roda de conversas de saberes. Fonte website: http://www.fundacaoayni.org/	29
Figura 13 – Mãos moldando o barro para a estrutura de salão. Fonte website: http://www.fundacaoayni.org/	29

Figura 14 – Construção feita pelos estudantes e auxiliares. Fonte website:
<http://www.fundacaoayni.org/>..... 29

Figura 15 – Equipe de amigos da Cidade Escola Ayni reunida. Fonte website:
<http://www.fundacaoayni.org/>..... 29

INTRODUÇÃO

Já dizia a minha avó Edite, velha sábia, entre meus questionamentos de menina num café da manhã tipicamente mineiro em sua casinha simples, farto de bolos, pão de queijo, biscoitos, leite, sucos, “queijim” frescal, pão à beza e um tradicional café sem açúcar: “Essa vida é pra ser vivida, “fia”! Se for pra perder tempo fazendo o que não te deixa feliz, nem vale a pena viver. Vai atrás do seu coração.”

Minha velhota sabia das coisas. Dona de um colo gordinho mais gostoso do mundo e dos melhores dedinhos que coçavam minha cabeça na mania eterna de procurar piolho e fazer cafuné. Dela, aprendi ser humana. Aprendi ser mulher forte, correr atrás da minha independência e lutar por minha autonomia.

Talvez meu espírito aventureiro veio pra ser livre o tanto que a minha avó não foi. Ela queria que suas crianças crescessem e voassem atrás dos seus sonhos, vivendo a vida em total liberdade. Minha avó queria viver em nós, netas e netos, o murmuro de liberdade que não viveu. E por isso ela sempre me dizia quando me via tristonha: “só faça o que o seu coração mandar, mesmo que te achem doidinha. Nada mais importa.”

Este trabalho veio como uma síntese de todos os sonhos em liberdade, inspirado pelas palavras sábias de minha avó que guardei no coração com muito carinho. Um trabalho que nasceu a partir de uma linda peregrinação à Índia.

Um contato especial com uma inspiradora escola no Nepal me impulsionou a buscar mais sobre cantinhos que cuidam dos seres respeitosamente e, melhor ainda, com muita arte, como foi nas experiências dessa viagem. E foi então que também encontrei, dentre pesquisas e curiosidades, uma escola no sul do Brasil, fonte generosa de inspirações, ideias, projetos e exemplo de um querer agregar harmoniosamente o fluxo orgânico da natureza com a própria natureza humana, envolvendo sempre um trilhar de artes.

Foi então que veio a grande vontade de mover as estruturas tradicionais de ensino e dar um quê poético e artístico ao viver, ao ensinar, ao aprender. Desestruturar a forma quadrada que se tem como base de educação no Brasil e colocar em prática modelos mais inteligentes e criativos de aprendizagem e descoberta do mundo e do que é ser Ser no mundo.

“Uma nuvem não sabe por que se move em tal direção e em tal velocidade, sente um impulso...é para este lugar que devo ir agora. Mas o céu sabe os motivos e desenhos por trás de todas as nuvens, e você também saberá, quando se erguer o suficiente para ver além dos horizontes”.

Richard Bach

CAPÍTULO 1 – Alma crua e nua.

O vento me chamou, eu fui. Meu Ser se desfez em pétalas. Me senti como um dente-de-leão assoprado por uma criança de olhos fugazes que corre e brinca entre matas virgens; um fim de tarde em tons de outono. O céu me chamou, eu fui. O sol se fez fortaleza e me guiou através das sombras que ele mesmo insistia em fazer com tudo que tocava. Foi então que, num suspiro, entendi que as sombras não são necessariamente assombrosas. Que, espiando com olhar cristalino, as sombras revelam-se um pouso de frescor, em meio ao respirar ofegante e ao suor que se derrete em sal. Seria esse o amor entre a luz e a escuridão? Não sei, mas sei que todos somos feitos de silêncio e som.

As nuvens me chamaram, eu me rendi. Acreditei no coração de Richard Bach e me entreguei ao horizonte celeste; me fiz cor, me fiz fumaça de sereno, me fiz desenho de nuvem, me fiz Ser sem ser.

Foi assim que Índia me convidou ao aventurar, à entrega dos planos mais absurdos e impossíveis. Eu nem sequer titubeei: meu Ser por inteiro era arrepio em ímã, um ímã que me larapiava ao caminho de terras floridas, de sorrisos vermelhos, de um mistério que se vestia em alvura de um caminhar entregue; entregue ao destino que o próprio vento dizia saber para onde estava me levando, sem mesmo me deixar ver a luz do fim do túnel. Mas não precisou: o túnel inteiro era luz. Espiar ipês amarelos e beija-flores já na entrada me fez confiante em sentir que os trilhos me levariam ao crepúsculo.

La Poesía

*Y fue a esa edad... Llegó la poesía
a buscarme. No sé, no sé de dónde
salió, de invierno o río.
No sé cómo ni cuándo,
no, no eran voces, no eran
palabras, ni silencio,
pero desde una calle me llamaba,
desde las ramas de la noche,
de pronto entre los otros,
entre fuegos violentos
o regresando solo,
allí estaba sin rostro
y me tocaba.*

*Yo no sabía qué decir, mi boca
no sabía
nombrar,
mis ojos eran ciegos,
y algo golpeaba en mi alma,
fiebre o alas perdidas,
y me fui haciendo solo,
descifrando
aquella quemadura,
y escribí la primera línea vaga,*

*vaga, sin cuerpo, pura
tontería,
pura sabiduría
del que no sabe nada,
y vi de pronto
el cielo
desgranado
y abierto,
planetas,
plantaciones palpitantes,
la sombra perforada,
acribillada
por flechas, fuego y flores,
la noche arrolladora, el universo.*

*Y yo, mínimo ser,
ebrio del gran vacío
constelado,
a semejanza, a imagen
del misterio,
me sentí parte pura
del abismo,
rodé con las estrellas,
mi corazón se desató en el viento.*

Pablo Neruda

CAPÍTULO 2 – Pum de massala e uma pança feliz

A Índia é um despertador para o coração. Morada antiga de um rio com nome de mãe, de um povo devoto e muito pobre; de gente, tanta gente que caminhas esbarrando nesta simplicidade extrema, vestida de laranja, vermelho, sol nascente; olhos que brilham; e é exatamente essa pobreza que as tornam ricas em humanidade e entrega. Fonte de mel de olhares profundos. Chegar naquela virtuosa terra me fez transbordar fragmentos de minha alma adoecida.



Figura 1 - *Sadhu* na cidade de Varanasi, Índia.

Estar na Índia rompe com o mundo das lógicas, e por isso é belo e assombroso.

Adentro de um aparente caos, um silêncio íntimo guardado em séculos de orações. E, por entre mesquitas e templos e buzinas e oferendas, os olhos fechados se encontram com a clara luz da devoção por algo sem formas. A Índia é esse paradoxo que

impulsiona a soltar completamente o controle, a mente racional e abrir-se à poesia delicada de cada instante.



Figura 2 – Ruas de Varanasi, Índia.



Figura 3 – Búfala em rua de Varanasi, Índia.

Humildade

Varre o chão de cócoras
 Humilde.
 Vergada.
 Adolescente anciã.

Na palha, no pó
 seu velho sári inscreve
 mensagens de sol
 com o tênue galão dourado.

Prata nas narinas,
 nas orelhas,
 nos dedos,
 nos pulsos.
 Pulseiras nos pés.

Uma pobreza resplandecente.

Toda negra:
 frágil escultura de carvão.
 Toda negra:
 e cheia de centelhas.
 Varre o seu próprio rastro.

Apanha as folhas do jardim
 aos punhados,
 primeiro;
 uma
 por
 uma
 por fim.

Depois desaparece,
 tímida,
 como um pássaro numa árvore.
 Recolhe à sombra
 suas luzes:
 ouro,
 prata,
 azul.
 E seu negrume.

O dia entrando em noite.
 A vida sendo morte.
 O som virando silêncio.

Cecília Meireles



Figura 4 – Mãos de mulheres em ritual matinal em frente ao Rio Ganga Ma na cidade de Varanasi, Índia.

É ali, nessa terra sagrada de luzes, ouro, prata e azul onde a arte se funde ao mágico, onde os templos, vestimentas, imagens dévicas e corações se envolvem em todas as cores. É ali onde cada instante haura e suspira uma arte viva, orgânica, tão antiga quanto efêmera. Templos seculares, oferendas diárias que se fundem ao rio em minutos de um eterno momento fugaz.

Toda a Índia tem uma arte que inspira e cativa, por ser uma maré-cheia, por estar pejada de sonhos inocentes e cantos anciãos. Arte presente até em suas comidas típicas, tão cheias de notas e composições musicais; tão cheias de cores, formas, mãos que pegam sem garfo nem faca, lambendo os dedos de tanto deliciar.

Quiçá surpreendente para nós, mas de uma herança histórica para esta nação, toda a arte é legada às crianças antes mesmo de nascerem. Quando nascem, já recebem as bênçãos e proteções com pós coloridos e tintas feitas com cinzas sagradas para lembrar que do pó viemos e para ele retornaremos após deixarmos essa existência; se fazer humilde. E, antes mesmo de irem às escolas, são guiadas por tradição à devoção,

ao caminho de solicitude à espiritualidade e à religiosidade sempre em votos melodiados e adornados.



Figura 5 – Pessoas tomando banho ao amanhecer no Rio Ganga Ma na cidade de Varanasi, Índia.



Figura 6 – Mulher dando a bênção em seu filho às margens do Rio Ganga Ma na cidade de Varanasi, Índia.

CAPÍTULO 3 - Pézinhos patagônicos

Há pouco mais de 6 anos, em uma peregrinação à Argentina, conheci e comecei a fazer parte de um lindo sonho. Um sonho que veio lá do outro lado do mundo, desde a Patagônia e dos montes andinos, onde uma tribo nasceu. Uma tribo de homens, mulheres, crianças, índios, *abuelas* gordas e de sonhadores, unidos para cuidar de *Pachamama*, a Mãe Terra, de tudo que é vivo.

Preocupados com a vida, com os vínculos rompidos entre natureza e cultura, a *Nación Pachamama* busca um entendimento e uma junção entre oriente e ocidente, entre intelecto e arte, entre filosofia acadêmica e poesia viva, com princípios do Bem Viver e trabalhando para uma integração humana, sensível, ligada aos pilares da vida, seja ela ecológica, social e/ou humana.

Não é um movimento político, ainda que tenha opinião política; não é um movimento religioso, ainda que tenha jeito religioso; não tem fronteiras e margens e busca justamente a união consciente de todos os povos e de vínculos mais vivos e graciosos entre todos os seres viventes dessa Terra; sorrisos que se entrelaçam por olhares e reconhecimentos de que todos os seres são uma só nação. Uma tribo que veio à existência para quebrar com as barreiras culturais, assim como Edgard de Assis dialoga quando diz que não,

a cultura não termina nas fronteiras da tribo, da cidade, da nação. É algo mais amplo, constituído por um mosaico de múltiplas cenografias. Nele se articulam espaços topológicos e projetivos, tempos curtos e longos, micro-espacos e macro-espacos, planos reversíveis e irreversíveis (CARVALHO, 2008).

E por isso *Nación Pachamama* quer reinventar e quebrar com esses padrões de separatividade. Ela é redonda, de jeito que roda e se mexe e muda regularmente de pele; assim nos ensina nossa Mãe Terra. É negra, é índia, é cabocla; é pele de todas as cores; é um só coração.

Ainda no intento de unificar todas as tribos, a ONG (Organização Não Governamental) *Pachamama* resolveu apoiar e apadrinhar algumas comunidades e povoados, num incentivo para manter suas tradições e de fato se unirem à outras nações para se fortalecerem e manterem suas culturas vivas.

Foi através dessa graciosa nação que toda esse caminhar por terras índias surgiu. E, também através dela e de nossa ONG, entrei em contato com um cantinho precioso, uma escolinha que aportamos e abraçamos no Nepal, onde muitas carinhas sorriem como vagalumes em noites estreladas.

CAPÍTULO 4 – Varandinha de picos nevados



Figura 7 – Picos nevados com lua minguante nos Himalaias, Índia.

E assim, juntinho com essa linda tribo “pachamamística”, no ventre dos Himalaias, a cidade de Kathmandu, no Nepal, abraça a *Saraswati Higher Secondary School*, uma escola, um carinho em forma de simbolizar uma arte crua, tradicional, milenar e multicultural, envolvendo danças, rituais, pinturas, desenhos e esculturas belíssimas.

Nas escolas, toda essa arte está silenciosamente presente em cada cantinho, em todos os âmbitos e esferas. É o combustível inicial de cada manhã. Começa a raiar junto ao sol quando todos fecham os olhos em oração como pedido de um dia abençoado entre cantos e calma e se despedem dele com um precioso *Aarti*, que em sânscrito significa “dissipador da obscuridade”; uma cerimônia devocional, um conjunto de orações, poemas e mantras, também para fazer-se mais aberto ao divino interior, ao próprio despertar do coração.

A Escola *Saraswati* é escolinha em um lugar de morada de seres mágicos, escondida em uma das tantas curvas que levam ao *pueblito* de Nagarkot, uma região campesina

com vista plena para os picos nevados dos Himalaias; um vilarejo de pequenas casinhas com seus cultivos e famílias trabalhando unidas, produzindo batata, milho, mostarda, arroz e muitas flores, sempre flores, com bandeirinhas de oração na porta de casa. No caminho, pequenos templos. Um lugar onde crianças correm livres enchendo o pulmão do ar fresco que navega desde o branco da neve do topo das montanhas.



Figura 8 – Pequeno povoado aos pés dos Himalaias, Índia.

Uma escolinha simples que ainda se recupera dos grandes danos causados pelo terremoto que atingiu o Nepal em Abril de 2015. Também por isso, as salas de aula são muito simples com mesas grandes e grupais, que abrigam de 3 a 4 estudantes. Os uniformes também são simples e básicos, mas as meninas estão sempre com os cabelos penteados, trançados e com flores para enfeitar. Mesmo que tímidas, as crianças possuem uma alegria contagiante e estão sempre sorrindo. Se entreolham e interagem quando brincam e conversam em momentos de descanso.



Figura 9 – Meninas nepalesas da Escola *Saraswati*.

Lá, essas crianças são incentivadas a aprender a arte incorporada em todo o campo escolar mesmo dentro do Currículo Nacional Nepalês. Curioso é saber que, para as crianças e até mesmo para os adultos da escola, é difícil separar a arte da vida em si. Quando questionados em entrevista sobre o significado da arte e como ela é apresentada na escola (como disciplina ou como “recreação”), uma feição de desentendimento se instalava nas expressões faciais; para cada pessoa, a arte tem um significado muito mais poético e abrangente que as respostas que costumamos ouvir no ocidente. O limiar é muito sutil, então para tais e para toda a cultura hindu em si, a arte é como o oxigênio que dá vida ao visível e ao invisível. Os números da matemática são escritos e desenhados em papéis decorados; as aulas de inglês são cantadas e oferecidas ao Ser do planeta, como esperança de vida; as aulas de histórias são dançadas como folhas que caem das árvores. Saberes complexos transversais que sempre envolvem a espiritualidade, a sistêmica e a sinergia são regeneradores da condição humana.

Basudev Kafle, diretor da escola, em um inglês simples nos relata que, para ser professor no Nepal, primeiramente é necessário prestar uma prova na Comissão de Serviços Públicos para professores e é preciso preparar-se muito bem para este trabalho de ensinar. Há grande competição para que um professor possa dar aulas nas escolas do governo Nepalês. Com um sonho de uma liberdade viva, os estudantes, além disso, querem aprender música, a cantar, a dançar, a desenhar; querem aprender artes e é por isso que a equipe de professores da escola quer desenvolver isso neles com um projeto que significa: se eles querem fazer algo, nós gostaríamos de encorajá-los a manter seus talentos e sacar o melhor, para que possam ser “populares” em seus futuros; para que possam fazer de seus futuros algo brilhante (KEFLE, 2016).



Figura 10 – Basudev ao meio e dois professores da Escola *Saraswati*, Nepal.

Propala ainda que, mesmo com seu inglês muito simples, eles aprendem rapidamente dele. Mas também ensina muito a seus alunos através dos desenhos, então pede para que desenhem até porque, confessa, desenham melhor que os professores. “Na verdade, são os próprios professores que estão aprendendo dos estudantes”, conta sorrindo. “Somos todos aprendizes, não há hierarquia quanto a isso. Então precisamos manter suas mentes elevadas pois queremos encorajá-los a dançar, cantar. É isso que também faz com que a aula seja interessante e que o tempo passe mais rápido” (KEFLE, 2016).

A proposta de Basudev, junto à toda equipe da escola, de deixar as crianças mais livres para explorarem suas artes por conta própria e sendo encorajadas à isso, se mescla com o sonho de Lydia Hortélio, uma etnomusicóloga e educadora baiana de 83 anos que pesquisa cantigas e brincadeiras há mais de quatro décadas. Um mimo de pessoa que conta ter toda a sua criança interior viva e contente.

Lydia diz que passou metade de sua vida espiando como as crianças brincam e conta que, inicialmente, sua ideia era criar uma Casa da Criança, posteriormente batizada como Casa das Cinco Pedrinhas, para abrigar as mais de 600 cantigas e os mais de três mil brinquedos de todo o mundo que colecionou durante todos esses anos.

Em uma entrevista para a página de Curiosidades Uol, é questionada sobre o constante monitoramento dos adultos nas brincadeiras das crianças e responde que

Até na escola é assim. Há escolas que têm animadores no recreio. É equivocado. O brincar nasce da mais absoluta espontaneidade. Se um tinha a ideia de brincar de macaquinho, e você não tava a fim, dizia “ah, não, vamos brincar de outra coisa”, até o grupo encontrar o que todos queriam. É uma obediência ao movimento interno. Os “educadores” não sabem o que fazer com a força, liberdade e criatividade dos meninos. Têm medo. Então ocupam os meninos. A brincadeira, quando conduzida, não acontece. O que há ali é um momento de agitação induzido por alguém, e como o menino gosta de movimento, ele entra. Mas isso não corresponde à verdade da criança (HORTÉLIO, L. 2016).

No documentário Tarja Branca (2014), ela explana que está “pela revolução que falta, que é a revolução da criança”, alegando que, para ela, as escolas tinham que fechar e teríamos que plantar mais árvores. Não que a criança não tenha que aprender, mas defende que a criança já é um ser “aprendente” e que precisa de uma escola livre que a deixe experimentar com o corpo, transformar. Não uma escola mental, artificial, que transforme as crianças em robôs. As crianças precisam de uma escola em que conheçam o ser humano menino, menina, criança, inocente. Uma escola onde as crianças não precisem ficar sentadas em uma sala fechada com ar-condicionado por horas seguidas. Uma escola em que as crianças consigam e possam ser crianças.

Todas essas vivências, tanto da escola nepalesa quanto do sonho de Lydia, se encaixam com os pensamentos de John Dewey quando indaga: “Aprender? Certamente. Mas, primeiro, viver e aprender pela vida, na vida” (DEWEY, 1971). Este pensamento sugere uma reflexão sobre os reais significados de aprender e também de como guiar tais vivências. Acicatar um respiro em meio ao caos a todos os seres aprendizes. Vivências que se amalgamam também à poesia de Richard Bach, quando diz que “aprender é descobrir aquilo que você já sabe. Fazer é demonstrar que você sabe. Ensinar é lembrar aos outros que eles sabem tanto quanto você. Vocês são todos aprendizes, fazedores, professores” (BACH, R. Ilusões, pg. 50).

Basudev faz ver que partilha desses pensamentos quando decifra em tom carinhoso, ainda em entrevista, que é preciso manter as mentes das crianças elevadas e é por isso que diz querer encorajá-las a dançar, cantar, fazer arte; pois isso também faz com que as aulas sejam interessantes e que o tempo passe mais rápido e seja menos tedioso. Isso encoraja também seus familiares e toda a comunidade a serem mais criativos e livres, sem muita praxe. E, “um professor que desperta entusiasmo em seus alunos conseguiu algo que nenhuma soma de métodos sistematizados, por mais corretos que sejam, pode obter” (DEWEY, 2010).

Para Bachelard (2008, p.11), a imaginação artística investe no campo simbólico, e, ao mesmo tempo, produz caminhos alternativos para a construção dos saberes. O que se dá por meio do devaneio e da experimentação (TVARDOVSKAS, 2010).

Bachelard ainda afirma que há uma poética do e no espaço, que traz o germe da "felicidade central, segura, imediata" (2008, p. 24).



Figura 11 – Apresentação de canto e dança das crianças da Escola *Saraswati*, Nepal.

CAPÍTULO 5 – Aquelas partes meio enfadonhas...

Eis um processo profundo a ser exercitado, não apenas nas escolas, mas na vida em geral. Assim é como Edgard de Assis propõe quando diz sobre um “amplo programa co-participativo, restaurador do homem genérico saturado de emoções, valores, utopias e um contrato planetário natural e sociocultural, no qual animais e homens, natureza e cultura, real e imaginário não se separem nunca mais” (CARVALHO, 2008).

Tanta brandura na forma de educar, sendo pura arte, deveria ser inspiração para modelos mais audaciosos e menos solenes de propostas curriculares nacionais e até mesmo um jeito mais encantador de penetrar a arte em todas as áreas e vivências, sejam elas quais forem, e tirar um pouco – bastante – o foco do aprender e do ensinar da disciplina em separado e da sala de aula aqui no Brasil. Nos próprios PCN’s (Parâmetros Curriculares Nacionais) já é dito que,

[...] observando a nossa história de ensino e aprendizagem de Arte na Escola Média, nota-se um certo descaso de muitos educadores e organizadores escolares, principalmente no que se refere à compreensão da Arte como um conhecimento humano sensível-cognitivo, voltado para um fazer e apreciar artísticos e estéticos e para uma reflexão sobre sua história e contextos na sociedade humana. Isso tem interferido na presença, com qualidade, da disciplina Arte no mesmo patamar de igualdade com as demais disciplinas de educação escolar (Página 46, parágrafo 5).

Após a Lei nº 5.692 que reformou o ensino de 1º e 2º graus no Brasil passou por vigência, em 1979, a arte passa a ser desvalorizada como conhecimento humano e desimportante na educação escolar como um conhecimento genérico, mesmo sendo tratada como experiência de sensibilização.

Tal jeito mais encantador de penetrar a arte em todas as áreas e vivências, (como dito anteriormente e como tentativa de salvação dessa desvalorização dita nos PCN’s), pode amanhecer a realidade escolar com a transdisciplinaridade, exaltando sempre a arte, incorporando-a em todas as áreas, trançando todos os ciclos das escolas, unificando os saberes. Trazer a presença da arte e começar um novo treinamento e/ou

proposta de instrutores para que sejam educadores abertos, mestiços, arlequinados, reflexivos, críticos, exílicos, amorosos, utópicos; *outsiders* que ultrapassem as fronteiras de seus saberes específicos para empenhar-se no diagnóstico da incerteza do mundo (CARVALHO, E. A. 2008). Sobretudo educadores amorosos, que sejam compreensíveis e sensíveis, hábeis a escutar as demandas físicas, intelectuais e, acima de tudo, demandas emocionais e espirituais de cada estudante. Criar laços menos formais, intimando com respeito e possibilitando a liberdade do Ser.

Abranger de forma satisfatória e sutil as visões do que é o ensinar. Como indaga Calvino,

[...] quem somos nós, quem é cada um de nós, senão uma combinatória de experiências, de informações, de leituras, de imaginações? Cada vida é uma enciclopédia, uma biblioteca, um inventário de objetos, uma amostragem de estilos, onde tudo pode ser completamente remexido e reordenado de todas as maneiras possíveis (1990, p.138).

E, portanto,

[...] o ensino por disciplina, fragmentado e dividido, impede a capacidade natural que o espírito tem de contextualizar; é essa capacidade que deve ser estimulada e deve ser desenvolvida pelo ensino de ligar as partes ao todo e o todo às partes. Pascal dizia, já no século XVII, e que ainda é válido, que não se pode conhecer as partes sem conhecer o todo, nem conhecer o todo sem conhecer as partes. [...] Na minha opinião não temos que destruir disciplinas, mas temos que integrá-las, reuni-las uma as outras em uma ciência (MORIN, 2000).

Em seu discurso, Edgard de Assis continua articulando com o tema de que

a transdisciplinaridade não é método, mas estratégia, caminho errático que atravessa os saberes. [...] Na verdade, trata-se de um domínio cognitivo que se localiza além das disciplinas, uma atitude teórico-conceitual-metodológica assemelhada a uma viagem sem porto definido (CARVALHO, 2008),

assim como foi essa singela e singular peregrinação à Índia com quebras de protocolos, paradigmas e união de culturas e corações. Um transbordar de “des-saberes”, de desconstruções constantes.

CAPÍTULO 6 – Aqui também tem bálsamo!

Todas as inspirações que borbulharam em mim com a viagem, a Escola *Saraswati* e todas as reflexões acerca de todos os pontos mencionados me fazem questionar: por que não recriar o modelo tradicional de ensino do Brasil?

Esse questionamento me instigou a procurar escolas – além da *Saraswati* - que fogem do padrão quadrado de todo o mundo. Daí veio uma grande surpresa que me intimou: a Cidade Escola *Ayni* em Guaporé, no Rio Grande do Sul, ministrada pelo jovem educador e revolucionário Thiago Ami que, assim como eu, viajou pelo mundo em busca de expandir os conhecimentos e vivências. Ele visitou escolas de diversos países e se inspirou em seus traquejos e culturas para montar uma escola nada tradicional. A *Ayni* é um espaço sem salas de aula, sem provas e inserida natureza, mesmo que dentro da cidade; mesmo assim, está dentro das normas do MEC (Ministério da Educação). Uma escola iluminada nas práticas didáticas de integração da criança com o meio ambiente, inspiradas no projeto *Circle of Children* de Eugene Oregon, Estados Unidos da América (EUA); na liberdade dos estudantes escolherem que classes desejam frequentar como na Escola *La Cecilia* de Santa Fé, Argentina e na Escola *Clearwater School* de Seattle – EUA; no grande senso de autonomia dos alunos da Escola da Ponte do Porto em Portugal que organizam suas próprias agendas de estudos; na visão da criança como um ser humano completo como a Pedagogia Waldorf reconhece (FONTE *website*: <http://www.fundacaoayni.org>).



Figura 12 – Equipe reunida ao ar livre para uma roda de conversas de saberes.



Figura 13 – Mãos moldando o barro para a estrutura de salão.



Figura 14: Construção feita pelos estudantes e auxiliares.



Figura 15 – Equipe de amigos da Cidade Escola Ayni reunida.

O nome da Escola *AYNI* veio pelo significado onde

AYNI é uma palavra em Quechua (Idioma dos Incas e ainda o terceiro idioma mais falado na América do Sul), significa cooperação e solidariedade. Mais que uma palavra, é uma forma de viver que se manifesta em relações sociais de ajuda mútua e reciprocidade. Eu te ajudo, construímos sua casa, juntos construímos a de um outro amigo, ele nos ajuda a construir a minha. É por parte de nossa escola uma homenagem e uma referência com honra ao povo e região andina pela importância na história da criação do projeto. [...] Foi desenhada e expressada para ser um lugar de inspiração, de referência em transformação do ser, de educação e sustentabilidade. Um espaço de aprendizado e expressão para crianças, pais, educadores e comunidade. Um lugar inspirador onde podemos vivenciar conceitos de uma sociedade mais consciente do seu próprio propósito, onde as crianças se sintam bem-vindas a expressar seus verdadeiros potenciais e onde adultos tenham a oportunidade de conectar-se com seu próprio interior em um diálogo constante de autoconhecimento (AMI, Thiago. Fonte: <http://www.fundacaoayni.org/>).

Assim como Basudev, Thiago diz que os alunos são grandes seres aprendizes, curiosos por si só, guardiões de uma sabedoria que só a inocência carrega. E, por isso, defende que as crianças são grandes mestres e mestras de um conhecimento íntimo, expansível e maduro. Naturalmente quando nos encantamos com um aprendizado, queremos passar esse aprendizado adiante. Não é necessário um professor para passar o conhecimento. O conhecimento está em todos, pois é parte da natureza. Toda experiência na vida é um aprendizado.

A *Ayni* é uma forma de viver, essa é nossa pedagogia. Uma relação primeiro de tudo de aceitação como adultos, de nos reconectarmos com o nosso ser, com a natureza, de reconhecermos nossa própria essência, nossas verdades e a partir daí desenvolvermos uma nova perspectiva e relação com as crianças: elas são nossos mestres, companheiros de um caminho de evolução como seres humanos, e a oportunidade de compartilhar esse tempo e espaço com as crianças é vista com gratidão e honra. Essa é a nossa base pedagógica. A relação de respeito, carinho e os limites como forma de amor para as crianças. Nesse espaço sagrado, nessa relação entre adultos e crianças, todos crescemos, nos desenvolvemos e avançamos como sociedade, como humanidade (AMI, Thiago. Fonte: <http://www.fundacaoayni.org/>).

Thiago conta ainda que a vida sempre lhe permitiu experimentar coisas cedo e hoje ele sabe que houve uma razão sábia para tudo isso: poder ser ainda jovem e colocar-se a serviço e usar o que aprendeu para algo que acredita, sem buscar nada, apenas expressar o que encontrou dentro dele mesmo. E é exatamente o que busco: uma viagem ao mundo que me faça viajar por caminhos profundos de meu ser e me inspirar com as experiências vividas, assim como fiz nesta peregrinação conhecendo a Escola *Saraswati* no Nepal.

Eis aqui o meu objetivo: valorizar modelos de escolas que saiam do padrão institucional e que vejam as crianças e pessoas de todas as idades como preciosidades, como esperanças de um futuro mais vivo e mais admirável. Um espaço como a Escola *Ayni*, que expande seus conhecimentos integrando todos os seres vivos em harmonia e coletividade, explorando o potencial de cada um para benefício de tudo que respira um viver. Escolas que não sejam exatamente escolas, mas espaços de crescimento interno, de expansão de saberes, de intimidade com o próximo e com a natureza. Espaços onde a consciência se torne uma com o bem viver, onde todos os sóis e todas as luas se façam rio fluido nos corações humanos, lembrando-nos que somos seres orgânicos, animais, parte da própria natureza.

Com vontade política, desapego individualista, abertura cognitiva e consciência espiritual não é impensável admitir que a educação sustentável, ou a ecoalfabetização se preferirmos, é a única saída para nosso futuro. É preciso ir além das leis de equilíbrio e da fábrica da ordem da cultura, assim como das regulações que os paradigmas do mercado e da informação tentam impor a todos.

[...] Saberes universalistas que não neguem nenhuma forma de diversidade, na formação de pensadores indisciplinados, capazes de enfrentar os desafios do conhecimento e criar novas formas de entendimento do mundo a serem viabilizadas e planejadas para a incerteza dos tempos futuros (CARVALHO, E. A. 2008).

Seria uma forma de reajustar com amor os PCN's para trazer à vida os propósitos mais sutis:

O intuito do processo de ensino e aprendizagem de Arte é, assim, o de capacitar os estudantes a humanizarem-se melhor como cidadãos inteligentes, sensíveis, estéticos, reflexivos, criativos e responsáveis, no coletivo, por melhores qualidades culturais na

vida dos grupos e das cidades, com ética e respeito pela diversidade (Página 50, parágrafo 6).

Trazer à tona para a sociedade que precisamos desobedecer ao paradigma do ocidente para que o pensamento selvagem e próximo à intuição sensível e espiritual consiga assumir uma posição justa; introjetar que a via racional não é a única forma de acessar o real, mas que o imaginário contido nos mitos, na literatura, na música e nas artes em geral são exemplos disso (CARVALHO, 2008).

Assim, um caminho de descobertas continua; e um querer trazer de volta o sol, onde há tempestade, é vívido e caloroso. Os caminhos são tortuosos. Sempre há de haver obstáculos, caras feias, pedras enormes tentando bloquear a passagem. Bom, que possamos cada vez mais entender que as pedras não são a mera “pedra no caminho”, e sim aliadas que nos permitem criar estradas mais firmes, escadarias para que possamos chegar onde o vento nasce e, também, construir pontes que interligue todos os povos e seres em vibrante melodia.

Que o meu caminhar seja o de continuar conhecendo povoados, cidades, estados, países; sempre atenta aos detalhes, entrecruzando histórias e dançando com os pontos justos e com os espaços onde os sorrisos nascem inocentes e luminosos para que estes sejam as roupas que vestiremos. Para que, de povo em povo, de país em país, de escola em escola, eu possa me preencher de todas as formas de aprender coexistindo nestes espaços; e, assim, poder incentivar e cativar corações. Dar um impulso à educação das novas gerações para que possam, além de seres humanos incríveis, tornarem-se pessoas vivas que vivam essa existência da maneira mais branda que as brumas do mar conseguem trazer. De pessoas que vislumbrem o crepúsculo da maré do viver.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Confesso que foi um pouco suado parir essa monografia. Tá bem, estou sendo um pouco dramática, confesso. Mas sempre é um pouco, né?! Dessa vez não foi pela monografia em si, mas por tantos ciclos que ela tem me ajudado a fechar em uma fase de tantos reboliços em minha vida. Se vestir da própria alma pode ser muito desafiador. Me reconheço guerreira de fragmentos de alma que voltam a se unir aos pouquinhos, pedacinho por pedacinho, a cada sorriso que consigo jogar com asas aos ventos. A Índia me ensinou a amar novamente.

E estar em contato com tantas experiências lindas e inspiradoras me faz acreditar que sim, ainda há esperanças em um futuro melhor. Esperanças que o sonho de se ver em liberdade é totalmente possível e plausível.

Por que será tão difícil sair da caixinha? Abandonar as formas quadradas, tradicionais e rotineiras da vida? Da educação? Será que temos medo das mudanças? Ou é um medo de sair do falso conforto do comodismo? Ou medo de que apareçam pessoas cada vez mais geniais dispostas a romper com o sistema?

As minhas veias não são planos cartesianos. Mover todos esses questionamentos impulsiona o meu íntimo Eu de linhas tortuosas a querer mudar a realidade cansativa e esmagadoramente entediante desse tal sistema; e, assim, construir e propor sonhos, como todos esses mostrados neste trabalho, que já são reais e já estão acontecendo pelo mundo afora e que são totalmente possíveis de serem plasmados para a nossa realidade atual.

Que possamos ser cada vez mais libertos de tudo que nos talhe.

Om Guru Deva!

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AMI, Thiago. **Cidade Escola Ayni**. Disponível em: <http://www.fundacaoayni.org/>.

Acesso em: 01/12/2016

BACH, Richard. **Ilusões – As Aventuras de um Messias Indeciso**. Tradução: Luzia Machado da Costa. 9ª edição. Editora Record, 1983.

BACHELARD, Gaston. **A poética do espaço**. Tradução de Antonio de Pádua Denasi, 2ª Ed. São Paulo: Martins Fontes, 2008.

CALVINO, Ítalo. **As cidades invisíveis**. Trad Diogo Mainardi. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.

CARVALHO, E. A. **Saberes Complexos e Educação Transdisciplinar**. Educar, Curitiba, n. 32, p. 17-27, 2008. Editora UFPR

CARVALHO, E. A. **É preciso religar os saberes**. Escola particular, ano 11, n. 118, p.13, janeiro 2008. Entrevista.

DEWEY, John. **Vida e educação**. Trad. Anísio Teixeira. São Paulo: Editora Melhoramentos, 1971.

_____. **Arte como experiência**. São Paulo: Martins Fontes, 2010.

HORTÉLIO, Lydia. **“A televisão desmontou a sociedade dos meninos”**. Disponível em: <http://atarde.uol.com.br/muito/noticias/1807866-a-televisao-desmontou-a-sociedade-dos-meninos>. Acesso em: 11/2016

MEIRELES, Cecília, **Poemas Escritos na Índia**, in Obra Poética - Volume Único, Editora Nova Aguilar, Rio de Janeiro, 1987.

MORIN, E. **Os sete saberes necessários à educação do futuro**. Tradução: Catarina Eleonora F. da Silva e Jeanne Sawaya; revisão técnica: Edgard de Assis Carvalho. São Paulo: Cortez; Brasília, DF: UNESCO, 2000.

NERUDA, Pablo. **Confieso que he vivido**. Idioma Castelhana. Editora: Seix Barral, 2001.

ONG PACHAMAMA. Fonte: <http://www.ongpachamama.com/>. Acesso: 11/2016.

TVARDOVSKAS, Luana Saturnino. **Modos de viver do artista**: Ana Miguel, Rosana Paulino e Cristina Salgado. IN: RAGO, Margareth. Dossiê Foucault e as estéticas da existência. IN: Revista Aulas, Campinas: Unicamp, abril de 2010.